

As Sombras do Medo

Depois de tanto tempo, já nem me recordo mais como era minha vida quando ainda podia sair de casa ou quando conseguia dormir a noite inteira sem sofrer as consequências do medo e sua insônia ou ainda quando conseguia dormir sem ter de acordar no meio da noite com os gritos de alguém aterrorizado.

Há muito, talvez dois meses ou seis, pois não se sabe ao certo quando vieram. Mamãe diz que vieram do céu, de além das estrelas, e que vieram, por mais doloroso que seja, para salvar o planeta da única praga, um câncer incurável. Salvar o planeta, os animais, as plantas... De nós, humanos. Já papai, acha que já estavam aqui há milhares e milhares de anos, talvez até mesmo antes dos dinossauros. A verdade é que ninguém, nem mesmo os jornais e noticiários, os quais sempre me deixaram intrigados de como conseguiam suas informações primeiro que as pessoas, nem mesmo eles sabem a verdade.

Eles, a salvação segundo mamãe, saem assim que o sol se põem no horizonte, de onde quer que estivessem escondidos, e avançam destruindo tudo que está em seu caminho. Eles invadem as casas e quebram as portas, o que eu acho muito mal educado porque mamãe sempre diz que devemos bater à porta e aguardar ser atendidos, talvez seja uma boa teoria dizer que eles não possuem uma mãe para lhes dizer o que é certo ou errado. Eles fazem a maior bagunça na casa das pessoas e depois ainda as devoram. Mamãe sempre diz que faz parte da cadeia alimentar, assim como nós nos alimentamos de peixes, e que só temos de encontrar uma forma de evitar que eles não nos comam assim como foi feito com os tigres e leões com nossos ancestrais.

Ninguém, assim como a origem, sabe o que são ou como são sua aparência. Há muitos boatos por todos os lados dizendo diversas coisas absurdas como, por exemplo, que eles são alienígenas que querem dominar o mundo, que são seres subterrâneos que permaneceram adormecidos durante milhões de anos e que agora estão prontos para despertarem ou que tudo que está acontecendo ao nosso redor é simplesmente um exagero da mídia. Esses últimos citados sempre dizem não acreditar no que vêem nos jornais e acham que simplesmente é tudo uma farsa, mesmo com todas as provas contra eles, as pessoas ainda preferem acreditar em suas opiniões e dizer que estão corretos, então, certo dia, elas saem de casa a noite e nunca mais são vistos. Talvez mamãe esteja certa e eles apenas estão varrendo as pessoas ignorantes deste mundo, contribuindo para uma sociedade pacífica e informada nas notícias, que buscam moldar suas opiniões em fatos.

Mesmo que possa parecer, nós não vivemos uma vida tranquila e meus pais não são tão confiantes e corajosos. Durante várias e várias noites acordei no meio da madrugada com gritos de pessoas sendo destroçadas e comidas em suas próprias casas no meu bairro ou até mesmo na casa dos meus vizinhos, por noites passei em claro os frios e gélidos ventos da escuridão ouvindo minha mãe em prantos no quarto ao lado

chorando de medo e horror imaginando até quando duraria isso ou o que aconteceria se entrasse um desses na nossa casa. Por noites nos encontrávamos amontoados em um canto do meu quarto, abraçados e chorando de medo após ouvir batidas deles tentando abrir ou forçando as janelas e portas vindas do andar de baixo. Durante o dia, vivemos uma vida normal, suspirando de alívio e agradecendo por termos acordado enquanto outros se ajoelham ao chão e choram por seus entes ou amigos queridos que não tiveram a chance de ver mais um nascer do sol, mas no fundo, no fundo de nossos corações, acho que todos nós sabemos e apenas aguardamos a vez em que serão nossos parentes ou amigos chorando por nós. Se é que eles também estarão de pé.

Lembro-me vagamente da última vez em que vi a lua tão brilhante e bela no alto do céu azul noturno. Tínhamos saído de casa por volta das vinte horas para comer uma pizza em comemoração ao meu aniversário de nove anos. Estávamos muito felizes, mamãe foi pegar o dinheiro enquanto o papai pegava as chaves, como sempre, mamãe se atrasou e nós dois ficamos esperando no carro. Cinco minutos depois estávamos andando pelas ruas movimentadas à caminho da pizzaria, eu olhei pela janela e lá estava ela. Brilhante e magnífica meia-lua crescente iluminando todo aquele planeta mesmo a tantos anos-luz de distância, refletindo sobre nós e compartilhando conosco os belos raios de sol, o qual fora submetido. Rodeado de estrelas brilhantes e pequeninas, diversas constelações sobre o fundo azul escuro quase negro.

Estávamos saindo da pizzaria quando eles chegaram à nossa cidade, eles já tinham se alastrado por quase todo o globo, mas não esperávamos que chegasse tão rápido, pois nunca o víamos ou sabíamos onde se escondiam durante o dia. Ao sairmos da pizzaria entre risos notamos diversas pessoas correndo vindas do lado direito, atravessando a rua, gritando e correndo nas calçadas com a palidez estampada em seus rostos, com eles, vieram vários carros em altas velocidades batendo em postes e lojas, uns nos outros, todos apavorados e buzinando.

- Corram! Não fiquem parados seus idiotas! – Disse para nós um homem que corria no meio da avenida.

- Correr? Mas do que vocês estão correndo? – Gritou papai de volta enquanto olhávamos espantados toda aquela cena horripilante de filmes pós-apocalípticos acontecendo à nossa volta.

- N-Não importa... Só corram e não parem por nad- Disse o homem do meio da rua, mas que fora impedido, pelo o que hoje sabemos que é um deles.

Nesse momento, o braço com o qual o homem acenara como gesto para que nós corrêssemos fora arrancado de seu corpo. Primeiro seus ossos se partiram e se deslocaram com um som alto e claro e então, pôde-se ver seus músculos, seus tecidos e seu ombro sendo pouco a pouco separado de seu corpo, todas as fibras grotescas banhadas em sangue se partindo e remexendo em seu ombro, banhando a camisa azul clara de um vermelho vivo e escuro, enquanto ele gritava e se contorcia de dor e aflição. No fim, seu braço fora arrancado e pouco a pouco sumiu em meio ao ar e o homem caiu

no chão gritando em pavor e horror enquanto olhava para o sangue que saía de seu ombro até que ele se calou bruscamente, após sua cabeça ser esmagada espalhando sangue por toda a rua deixando expostas suas entranhas que pareciam se mexer diante de toda aquela confusão acontecendo. O crânio deixava vários pedaços espalhados ao redor enquanto no meio se concentrava partes do cérebro envolto em sangue que pouco a pouco iam desaparecendo como o vapor de uma água fervente em meio ao ar.

Sobre o homem não havia nada ou ninguém que eu consiga ter visto em meio ao alvoroço, mas seu cérebro continuava a sumir no chão enquanto os carros que vinham em alta velocidade pela rua eram jogados para os lados em direções aos postes, muros e comércios do centro da cidade como se algo estivesse arremessando-os e os feito bater e capotar. Por todo aquele cenário havia várias pessoas sendo grotescamente mortas, com suas cabeças sendo arrancadas, seus membros partindo ou simplesmente desaparecendo vivas até que não restassem nada além das inúmeras poças de sangue. Sombras e figuras de pessoas, que apareciam no chão devido às luzes dos postes, corriam agitadas enquanto outras que não era possível se observar direito, se mexiam rápidas e, de certa forma, elegantemente como grandes dançarinos bailando no ar daquele grande alvoroço.

Naquele momento, papai segurou em minha mão e juntos, nos três, corremos o mais rápido que conseguimos até o carro e fomos embora para casa, por sorte sem sermos pegos. Após uma semana, os estragos causados e a chegada deles estavam em todos os noticiários, então, prevendo a tragédia que estava prestes a acontecer, mamãe e papai colocaram tábuas em todas as janelas e reforçaram todas as portas, protegendo todas as possíveis entradas. Mas nada é completamente eficaz, ainda mais quando se esta travando uma batalha com um inimigo desconhecido. Por isso sempre contamos uns com os outros e eu sempre carrego meu amuleto da sorte, o Tommy, meu ursinho de pelúcia, que ganhei de papai desde que era bem pequeno.

Hoje pela manhã, tomei café com panquecas em formato de coração que mamãe fizera para mim enquanto Tommy se deliciava com seus bolinhos com cobertura de chocolate, imaginários é claro. Durante a tarde, mamãe foi ao supermercado fazer compras do mês e, aproveitando a ocasião, decidiu levar papai, Tommy e eu para andar pelo parque que ficava no meio do caminho. Ela despediu-se de nós e disse que na voltaria buscaria a gente.

O parquinho estava desolado e abandonado. Além de nós, não possuía uma alma viva sequer, a natureza havia se apossado do que um dia lhe fora tomada, as gramas e raízes cresciam em meio às calçadas quebrando-as e estendendo suas folhas sobre ela, os ramos e plantas se enrolavam e subiam em torno das barras de metal que sustentavam o escorrega, o balanço e tantos outros, a areia fora quase que completamente esvaziada da caixa pelo vento e coberta em grande parte pela grama alta, a tinta dos brinquedos que um dia já foram coloridos e alegres, agora estavam desbotados, enferrujados e sem cor. Os balanços iam e vinham com o sopro dos ventos, fazendo-os ranger e aumentando ainda mais o clima tenebroso daquele lugar esquecido por Deus que um dia

já fora motivo de risos e brincadeiras, mas que hoje causava arrepios e calafrios por todo o corpo.

Papai e eu sentamos nos balanços, enquanto Tommy ficava no meu colo, e nos balançávamos vagamente, pois nenhum outro brinquedo tinha tão bom estado aparente à não ser o balanço, que ainda transmitia confiança de que não se quebraria conosco. Mesmo com certo receio, ainda nos colocamos a correr o risco durante alguns minutos apenas. Pouco tempo depois, passara pela rua do parquinho um vendedor com carrinho de picolé e a meu pedido, papai acabou cedendo e fomos até lá comprar alguns. Como sempre, eu acabei escolhendo o de chocolate enquanto papai optou pelo de leite condensado.

- Os prejuízos devem ser enormes para os vendedores como você, agora que todos temem sair de casa não? – Disse papai ao vendedor.

- Sim... Realmente – Respondeu o vendedor com um olhar e uma voz melancólica enquanto fechava seu carrinho após receber o dinheiro dos picolés – Semana passada acabei perdendo meu irmão por conta deles... Eles só vieram para ferrar com a nossa vida.

- É... Não esta fácil para ninguém. Quase todos os meus vizinhos foram mortos também, ouço varias vezes o grito de pessoas e... e não poder fazer nada... – Resmungou papai cabisbaixo.

Notando a conversa desanimadora e clichê deles, acabei voltando para o balanço onde se encontrava Tommy e ali terminei meu picolé. Na época em que vivemos nunca é bom ouvir as conversas dos adultos, todas elas, independentemente dos assuntos que começam a conversa, todas sempre acabam terminando com as pessoas lamentando as mortes dos conhecidos, chorando por algum ente ou amigo querido, criando e especulando novas teorias e fantasiando como seriam esses genocidas seguidos de palavrões de adultos.

Pouco antes do pôr do sol, mamãe estacionou o carro do lado do parquinho e seguimos embora para casa. Já estava quase anoitecendo quando terminamos de levar todas as compras do carro para a cozinha, as ruas estavam desertas e delas, só se viam algumas pessoas trancando suas casas, fechando as cortinas e persianas enquanto outras casas, com os rastros de sangue que iam até as portas escancaradas, continuariam assim pois já não havia ninguém que pudesse fecha-la outra vez. Ao anoitecer, fizemos como sempre desde que eles chegaram, todos nós nos certificamos de que todas as janelas e portas estivessem fechadas e trancadas pelos dois cadeados que todos possuíam, conferimos também as tábuas de madeira que haviam sido colocadas em todas as janelas, tapando toda a visão de fora da casa.

Quando a lua e as estrelas já tomavam forma na escuridão do céu, iluminando todas as ruas desertas e vastas áreas sob a qual não possuíam nenhum ser humano lunático o suficiente para expor-se à noite, quando os grilos louvavam e cantavam suas

belas sinfonias no breu do mundo exterior e quando o silêncio e o medo tomavam conta dos corações amedrontados dos pobres seres indefesos presos em suas casas, as trevas repousavam sobre as grandes cidades arrancando de seus lares, pessoas e ingerindo-as, fazendo apenas mais uma vítima para as porcentagens e estatísticas do dia seguinte e antecipando consideravelmente o fim de suas miseráveis vidas, de forma horrenda e diabólica que muitos temiam.

Naquela noite, após revisarmos todas as trancas e cadeados das portas e janelas da casa, fomos para os andares superiores da casa, onde ficavam os quartos, para tentar dormir um pouco. Quando a lua encontrava-se no ponto mais alto do céu, acordamos todos de súbito com batidas fortes vindas das tábuas do andar de baixo, eram eles novamente tentando entrar em nossa casa. Não demorou menos de quatro minutos para que mamãe e papai entrassem em meu quarto correndo, mamãe sentou-se na cama e ficou ao meu lado me abraçando enquanto varias lágrimas escorriam pelo seu rosto e papai, com um taco de beisebol em uma das mãos, entrou e rapidamente trancou a porta ficando de pé em frente à porta pondo-se entre nós e eles.

As batidas e estrondos vindos abaixo de nós foram ficando mais e mais frequentes, cada vez mais intensos, mais potentes, possivelmente chamando a atenção de vários deles que poderiam entrar a qualquer momento e devorar todos nós. Mamãe tremia enquanto papai soava frio com o taco ainda em mãos tentando ser corajoso e proteger nossa família. As batidas não cessaram, os sons vinham sempre do mesmo lugar mas sempre se intensificando, ficando mais alto, as tábuas rangiam e estalavam enquanto as batidas continuavam até que pouco mais de cinco minutos depois as tábuas e a porta cederam, caindo no chão com um estrondo que ecoou por toda a casa que agora estava aberta para que eles entrassem.

Papai olhou rapidamente para trás acenando a cabeça para minha mãe que, arregalando os olhos, voltou-se para mim cobrindo-me com cobertores e empurrando-me para baixo da cama.

- Corra meu filho! Não há tempo! – Ela sussurrou para mim enquanto me enfiava sob a cama e ouviam-se as tábuas das escadas rangendo.

- M-Mas mamãe... E vocês?

- Shhhhh! Não faça barulho – Ela sussurrou novamente – Tome aqui o seu ursinho, agora vá para baixo da cama e espere até que o dia amanheça. Não saia por nada, não deixe que o veja...

- Mas... E... O que vocês farão? – Eu perguntei enquanto chorava silenciosamente olhando para os olhos de minha mãe que se enchiam de lágrimas.

- Por favor! Prometa-me! Me prometa que não sairá daí por nada no mundo meu filho!

- Tudo bem... Eu prometo – Respondi cabisbaixo.

- Ótimo – Sussurrou mamãe em lágrimas enquanto sorria para mim com orgulho, voltando a se recompor e ficar de pé logo atrás de papai.

A porta do quarto, então, se escancarou sem muita dificuldade depois de eles terem quebrado as tábuas e a porta do andar de baixo, e papai, com seu taco, pulou para fora do meu quarto enquanto gritava buscando o alvo ou alvos para acertar. Os gritos cessaram assim que ele pulou para fora do quarto e o silêncio tomou conta da noite escura, seguido pelo barulho do taco caindo ao chão e rolando pelas escadas até o andar de baixo. Mamãe correu para fora do quarto, sem pensar duas vezes, à procura de papai assim que ouviu o barulho do taco e novamente o completo silêncio havia reinado sob a noite escura onde nem mesmo os grilos se dispunham a cantar suas canções diante da desagradável melancolia que pairava no ar. Por fim, pela segunda e última vez o silêncio fora quebrado pelo som de um *clack*, como de algo se partindo vindo do andar de baixo. Durante todos os acontecimentos, eu não conseguira ver como eram ou o que eram eles, mas após papai ter saído do quarto, pude ver suas silhuetas nas paredes das escadas. Eles possuíam braços e pernas longas e magras com uma espécie de capa ou vestimenta em seu tronco que era comprido e rasgado nas bordas inferiores formando um V e seus rostos, tinham aspectos, pelas sombras projetadas, cadavéricos com focinhos alongados para frente e grandes e alongados chifres no topo da cabeça.

Após todas as cenas e pensamentos ruins que viera em sua mente, o pequeno garoto tentara em vão passar a noite acordado, já exausto acabara pegando no sono sem notar pouco depois. Acordando somente com o raiar do dia seguinte quando seu quarto estava completamente iluminado despertando-o do sono e o fazendo levantar com o corpo dolorido devido à péssima noite que passara, tanto por dormir em baixo de sua cama e encolhido de medo enquanto chorava em prantos quanto por dormir com a mente cheia de pensamentos ruins e uma noite cheia de terríveis pesadelos dos mais variados.

Mal se levantara do chão do quarto com o corpo todo doendo de uma noite mal dormida e já corria arrastando seu pequeno urso de pelúcia escada abaixo em busca dos pais, ao chegar ao final da escada pegou-o em seus braços e ao atravessar a sala, passando pelo sofá, encontrou seus pais fazendo-o deixar Tommy cair no chão de tão surpreso.

Seu pai estava com a cabeça decapitada sobre a mesinha da sala de estar, que agora estava partida ao meio, e sua perna ao seu lado quebrada no joelho ao dobrar-se para trás e ao seu lado estava sua mãe com apenas um de seus braços e o tronco enquanto sua cabeça não possuía nenhum dos olhos, mas um grande sorriso medonho de orelha a orelha. Todo o centro da sala, desde a mesinha, o carpete e os sofás estavam manchados e respigados de sangue por todos os lados enquanto os raios de luz que entravam pela porta escancarada iluminavam todo o sangue coagulado, as tripas e órgãos deixados ao lado do restante dos corpos.